

Chefe de Estado acusa Renamo de ter torturado polícias

*Séc. Jb.
7/2/94*

O presidente moçambicano, Joaquim Chissano, acusou a Renamo de ter torturado os polícias que estavam encarregues da segurança do seu líder, Afonso Dhlakama.

O chefe de Estado falava em conferência de imprensa no final da sua «visita-relâmpago» a Lisboa, onde se encontrou com o presidente da República, Mário Soares, e com o primeiro-ministro, Cavaco Silva.

O presidente moçambicano adiantou que as Nações Unidas foram chamadas a investigar as alegadas torturas praticadas pela Renamo e concluíram que «não havia razões» para tais actos.

Joaquim Chissano respondia assim a uma pergunta acerca das

acusações feitas pela Renamo de que o Governo estava a aceitar as políticas do Banco Mundial em Moçambique e de não estar a cumprir o Acordo Geral de Paz.

«São campanhas de um partido da oposição que não correspondem a verdade. Dhlakama tem-se deslocado a todas as províncias, alguns governadores provinciais providenciaram-lhe mesmo alojamento e tem feito os comícios que quer fazer», disse o presidente moçambicano.

Adiante, contudo, que está preparado para «ouvir muito mais do que isto à medida que a campanha eleitoral se aproxima».

O presidente moçambicano, que seguiu de-

pois para Luanda, onde se encontrou com José Eduardo dos Santos, disse ter aprendido as lições do caso angolano.

«Podem tirar-se muitas lições, mas não se pode copiar o processo de um País para outro», referiu Joaquim Chissano.

Uma das lições é a de que «os vencidos devem aceitar a sua derrota e os vencedores devem assumir as suas responsabilidades na manutenção da paz», após eleições livres, adiantou o presidente moçambicano.

Confrontado com as preocupações manifestadas pelos bispos moçambicanos, que defenderam a necessidade de um Governo incluindo elementos da Frelimo e da Renamo como condição para a paz, Chissano deu o exemplo português.

«A junção dos dois principais partidos no Governo não foi garantia de estabilidade, antes pelo contrário. Os Governos que duraram mais desde que há democracia em Portugal foram os de um só partido» — disse.

Quanto às preocupa-

ções manifestadas pelo secretário-geral da ONU Butros-Ghali, que recomendou o envio de mais observadores para Moçambique, Joaquim Chissano afirmou que «o contingente da ONU é suficiente para manter a paz».

Relativamente à alegada recusa de elementos do Exército governamental em integrar o Exército único, o presidente moçambicano disse que a sua «impressão» ia no sentido contrário.

Sobre a sua visita a Lisboa, Joaquim Chissano disse ter assegurado ao presidente e ao primeiro-ministro o «empenho do Governo moçambicano em que o processo de paz «chegue ao fim em tempo útil» e a necessidade de apoio da comunidade internacional.

O chefe de Estado de Maputo referiu ainda o «esforço importante» que Portugal está a desenvolver no processo de paz e elogiou os empresários e jornalistas lusos, os primeiros pela sua «vontade de investir» e os segundos por estarem «muito bem informados» sobre a situação em Moçambique.